

“Áñez deverá ir embora depois de 18 de outubro, sim ou sim”

FONTE: [Brecha](#) | 28/08/2020 | TRADUÇÃO: Charles Rosa

O movimento camponês da Bolívia foi um ator fundamental nos bloqueios de estradas que nas últimas semanas marcaram um novo capítulo da aguda crise política que vive esse país. *Brecha* falou com um de suas referências para conhecer a visão deste setor sobre a situação política atual.

Depois do fim dos bloqueios que cercaram várias cidades bolivianas durante a primeira metade de agosto em protesto pela postergação das eleições, a Federação Sindical Única de Trabalhadores Camponeses de Cochabamba se mantém em alerta. Seus integrantes, que fazem parte de um trama de federações camponesas que afirma ter cerca de 4 milhões de filiados, e que apoiam a fórmula do MAS, permanecem mobilizados e em assembleia. Em meio dessa trama, seu secretário executivo, Jhonny Pardo, dialogou telefonicamente com *Brecha*.

– Haverá eleições presidenciais na Bolívia em outubro?

– Não confiamos no governo e suas intenções de ir às eleições de 18 de outubro, porque eles somente querem dilatar as coisas. Quando apareceu o coronavírus, acreditaram que isso os favoreceria, mas enquanto passam os dias há mais mortes e miséria no país. O coronavírus veio a agravar as coisas para [a presidenta Jeanine] Áñez. Seu único apoio agora são os Comitês Cívicos, que além disso estão pedindo a renúncia dos porta-vozes do Tribunal Eleitoral. Por isso, pedimos à Assembleia Nacional que frente a qualquer renúncia que se produza no Tribunal imediatamente designe às substituições, porque o governo vai usar isso para buscar novamente para buscar novamente a suspensão das eleições.

– O que pode passar se suspendem as eleições de outubro?

–A política do MAS não é o golpe de Estado. Este governo tem que se ir expulsado pelos votos. Apesar de que nossos candidatos Luis Arce e David Choquehuanca lideram as pesquisas, nós não confiamos nelas. Porque algumas são pagas por eles mesmos para mostrar empates ou inclusive triunfos ajustados de seus aliados.

– A quem se refere quando diz “eles”?

–Ao império estadunidense, que quer sustentar a este governo no poder. Já o fez infiltrando recursos e personagens através de organizações como a USAID. A parte da oposição representada por Carlos Mesa e Fernando Camacho cumpre as ordens de Estados Unidos, são como agentes da CIA no território boliviano.

– E se há eleições em outubro e a presidenta não quer deixar o poder?

–Áñez e o império estadunidense não vão querer entregar o poder em 18 de outubro. Vão fazer o impossível por conservá-lo. Mas nós consideramos que esse dia Áñez deve deixar o governo sim ou sim. A como dê lugar. A partir desse dia, as coisas não serão fáceis para o governo do MAS, sabemos disso, mas estamos preparados para sustentar nossos governantes com o povo mobilizado.

Não vão querer entregar o poder em 18 de outubro. Vão fazer o impossível para conservá-lo. Mas nós consideramos que nesse dia Áñez deve deixar o governo, sim ou sim.

– Como vocês lidam com as recentes acusações contra Evo Morales por supostas relações com mulheres menores de idade?

– Isso quem tem que decidir é a Justiça. Mas para nós, o governo e seus partidos próximos estão fazendo um uso político das acusações que nós resultam falsas. Usam essas acusações para desacreditar o MAS, o movimento social campesino, os companheiros Luis Arce e David Choquehuanca e em especial nosso companheiro presidente Evo. É política suja.

– Vocês estão de acordo com as denúncias de Evo Morales acerca de que o golpe de Estado foi pelo lítio?

– Não se esqueça de que quando se produziu o golpe, nosso país havia assinado acordos vantajosos com a Alemanha para explorar o lítio. Mas não é somente pelo lítio, mas por todas as riquezas deste governo junto ao império estadunidense estão saqueando a Bolívia e ao povo boliviano. Foi um golpe econômico com a intenção de despojar também ao povo dos direitos conquistados nos últimos anos junto ao governo de Evo Morales.

– Como você vê a unidade do movimento social, levando em conta que nos últimos tempos houve diferenças de estratégia?

– As bases se uniram durante os recentes bloqueios e demonstramos ao governo da senhora Áñez que o povo boliviano está unido. É certo que houve desinteligências e mal-entendidos há alguns meses, mas frente às políticas saqueadoras deste governo nos unimos mais ainda. Hoje estamos solidamente unidos atrás dos companheiros que integram a fórmula do MAS.

– O que pode ser dito da situação social neste momento?

– É grave. Não somente o povo mobilizado vem denunciando o governo. Os crimes de Sakaba e Senkata também foram denunciados pela senhora [Michelle] Bachelet, do organismo de Direitos Humanos da ONU. E o governo de Áñez, através do ministro Arturo Murillo, agora acusa a ONU de não ser imparcial.

– O informe de Bachelet também recorda a responsabilidade de Evo Morales na crise, por haver se apresentado nas eleições presidenciais apesar do referendo contra ele.

– Mas é que essa decisão do irmão Evo foi legal e constitucional. Não queira agora o governo de Áñez se esquivar da responsabilidade pelo massacre pelas balas policiais.

-Como planejam seguir até 18 de outubro?

-Olhe, agora mesmo estou falando a você desde um ampliado [assembleia popular] onde estamos participando entre 500 e 800 membros do movimento campesino da Subcentral Sivingani, no município de Vila Vila, Cochabamba. Nos mantemos em estado de emergência e mobilização ante qualquer tentativa de frustrar as eleições. E vamos acudir novamente a reclamar o respeito à lei e ao povo.

Fabian Kovacic é jornalista da revista uruguaia Brecha.